

ARQUITETURA DAS SENSAÇÕES: O MUSEU JUDAÍCO DE BERLIM

SANTOS, Ana Paula Müller.¹
PEREIRA, Francisca Carolini.²
ENGUEL, Patrícia de Fatima.³
DE BIAZI, Suelenn.⁴
OLDONI, Sirlei Maria⁵

RESUMO

O estudo realizado sobre a obra de Daniel Libeskind consiste em uma análise sobre a obra que tem a finalidade de descobrir as sensações proporcionadas aos visitantes, devido a história trágica emocionante que se passa em terras alemãs. O breve trabalho trata como precursor em termos arquitetônicos o que o artista quis retratar através dos espaços que os usuários podem percorrer em sua obra. Todo esse trajeto que penetra o museu acaba se mostrando como relatos sensoriais sobre barbárie que aconteceram na época. Berlim é uma cidade bela, porém se apresenta com uma história sofrida, cheia de percalços que em sua maioria de vezes foram causados por uma política egoísta.

PALAVRAS-CHAVE: Museu Judaico, Berlim, Sensações.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa abordou o assunto da história e teoria da arquitetura no tema análise sensorial referente ao Museu Judaico de Berlim, de Daniel Libeskind. Justificou-se o presente trabalho sendo de extrema importância aos arquitetos para descobrir quais são as sensações transmitidas aos usuários ao se defrontar com seu espaço arquitetônico vazio, cujo qual, foi realizado análises dos aspectos que influenciaram o arquiteto na fase projetual.

O problema da pesquisa foi quais sensações transmitidas aos usuários ao percorrer o museu judaico de Berlim? Para tal problema, foi formulada a seguinte hipótese: supõe-se que a abordagem do arquiteto transmite sensações impactantes e desconfortantes, pois relata os momentos acontecidos no holocausto. Seu desenho, suas formas, suas estruturas em si recriam atmosferas e contam histórias. Intencionando a resposta ao problema da pesquisa, foi elaborado um objetivo geral de compreender as sensações transmitidas ao usuário ao percorrer o museu judaico de Berlim.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ARQUITETURA SENSORIAL

¹Estudante do Curso de Arquitetura e Urbanismo - FAG. E-mail: anapaulamiiller@hotmail.com

²Estudante do Curso de Arquitetura e Urbanismo - FAG. E-mail: arquitetura.fcp@outlook.com

³Estudante do Curso de Arquitetura e Urbanismo - FAG. E-mail: patriciaenguel85@gmail.com

⁴Estudante do Curso de Arquitetura e Urbanismo - FAG. E-mail: suelenndb@gmail.com

⁵Professora orientadora, docente do curso de Arquitetura e Urbanismo - FAG. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UEM/UEL. E-mail: sirleioldoni@hotmail.com

Segundo Martau (2007), durante a Renascença, considerava-se que os cinco sentidos formavam um sistema hierárquico no qual a visão está no topo, e o tato, na base. Este sistema relacionava-se com a imagem do corpo cósmico, a visão correlacionava-se ao fogo e à luz, a audição, ao ar, o olfato, ao vapor, o paladar, à água e o tato e à terra, constituindo assim a fenomenologia multissensorial, estabelecendo funções que propiciam nosso relacionamento com o ambiente projetado. Através destes sentidos o corpo pode perceber muitas sensações que nos rodeia, contribuindo para nossa sobrevivência e integração com meio em que vivemos.

Steven Holl e Pallasmaa busca a fenomenologia da arquitetura, que relaciona-se ao estudo das essências, do qual, a arquitetura tem o potencial de colocar as essências de volta à existência. Através da forma, espaço e luz, a arquitetura pode elevar a experiência da vida cotidiana a partir de vários fenômenos que emergem de locais específicos, cujo qual, a luz e a sombra mesclam a obra arquitetônica, ressalta Amorim (2013).

2.2 CONTEXTO HISTÓRICO DE BERLIM

Segundo Schneider (2014), Berlim é uma cidade industrial, capital cultural nos anos dourados 1920, onde tragicamente foi palco de muitas mortes de religião judaica, sucedido por um muro que dividia a cidade. O Holocausto foi uma prática de perseguição política, étnica, religiosa e sexual estabelecida durante os anos de governo nazista de Adolf Hitler. Segundo a ideologia nazista, a Alemanha deveria superar todos os entraves que impediam a formação de uma nação composta por seres superiores.

Finkelstein (1953), cita que o holocausto foi uma grande indústria que exibiu vítimas do grupo étnico mais bem-sucedido dos Estados Unidos que gerou muitas discussões políticas após.

2.3 ARQUITETO DANIEL LIBESKIND E SUA HISTÓRIA

Daniel Libeskind, nascido na Polônia em 1946, porém tem sua nacionalidade americana desde 1965. Estudou música em Israel e em Nova York, antes de se tornar arquiteto, aonde desenvolveu edifícios como os Museus Judeus de Copenhague e Berlim. Formou-se em Arquitetura em 1970, construindo uma sólida reputação como teórico. Libeskind conceitua a matéria perceptível, possibilitando que incorporasse a essência emocional da arquitetura contemporânea (MASSAD, YESTE, 2004).

Daniel Libeskind, é um arquiteto judeu-polonês, filhos de sobreviventes do Holocausto e seu talento foi de materializar sua arquitetura, do qual expõe vazios que provocam sensações do usuário a favor de contar histórias de forma simbólica (GOMES, 2007).

2.4 MUSEU JUDAÍCO DE BERLIM

Segundo Silva (2016, *apud* Yunis, 2016), em 1989 o governo de Berlim, realizou um concurso de arquitetura, pouco meses antes da queda do muro de Berlim, do qual Daniel Libeskind, ganhou o concurso do Museu do Holocausto, a obra foi concluída em 2001, e aberta para o público. O conceito da forma está relacionado com a Estrela de Davi, umas extrusões de linhas formam no edifício um ziguezague. Para formar o corpo do edifício foram utilizadas estruturas lineares, e espaços que se elevam a 20 metros verticais do piso ao teto. Para entrar no museu é preciso passar por uma antiga construção o Kollgienhaus, o antigo museu barroco. O edifício é dividido em três eixos, onde cada um representa a experiência judaica sendo: continuidade, holocausto e o exílio. A torre do holocausto é um espaço vazio de 24 metros de altura, não existe nenhum tipo de iluminação a não ser a iluminação natural, que se forma através de frestas estes reflexos de luzes vão para a parte do exílio que é composto por 49 pilares quadrados de concretos ocos, preenchidos de terra. O lugar conduz o visitante a corredores estreitos a visão das vigas são desconstrutivista. O último vazio do edifício é assustador, o chão é coberto por rostos de ferro que emitem ruídos insuportáveis quando se caminha. Foi utilizado para o revestimento nas paredes o zinco, material que se oxida e muda de cor conforme o tempo devido a penetração da luz natural.

3. METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido por pesquisas bibliográficas através de livros e pesquisas na internet.

A pesquisa bibliográfica é avançada com base no material já preparado, formado principalmente de livros e artigos científicos. Apesar de que quase todos os estudos sejam requisitados por trabalhos dessa natureza, existe pesquisas antecipadas exclusivamente de fontes bibliográficas Gil (2002).

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Para Lotman (1985), o museu é um exemplo de dessemelhança vital típica da cultura do qual a forma se organiza em vários sentidos, significadas pela arquitetura, como expressões de subjetividade autônomas, originando um sistema dinâmico, proporcionando um ambiente apropriado do qual o homem é parte integrante.

De acordo com Silva, (2016, *apud* Yunis, 2016) em seu interior Libeskind promove corredores estreitos como forma de transação, acredita que sua intenção seja de transmitir sensação de repressão e opressão, como vista na figura 01. Além disso, foram implantadas esculturas iguais, na parte exterior da obra, se tronando um símbolo forte das migrações dos judeus.

Figura 01: Corredores Estreitos



Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.081/273>

Por isso, através destas discussões, foi possível concluir que o Museu Judaico de Berlim, traz sensações opressoras e desconfortantes, devido sua estrutura formal, seu desenho entre si que recriam atmosferas e contam histórias causando sensações impactantes aos usuários que ali percorrem. Seu vazio arquitetônico é de despertar em quem habita ou percorre a experiência de um espaço vivido no plano corpóreo e sensível.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseando-se em estudos de pesquisas, podemos concluir que a obra o Museu Judaico de Berlim, transmite para o usuário uma reflexão instigada que busca a compreensão de que a ausência não pode ser dominada, criando assim em sua arquitetura espaços que proporcionam medo, angústia e aflição. No entanto as fenomenologias da arquitetura materializam seu conceito, construindo uma experiência arquitetônica, vivida através de todos os sentidos, concebendo assim, a sua própria essência. Portanto podemos confirmar a hipótese inicial de que as sensações transmitidas aos usuários são impactantes e desconfortantes, pois sua estrutura, seu vazio, seu desenho, seus símbolos conecta a arquitetura com sua história.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Paula. **Fenomenologia do espaço arquitetônico**. Dissertação de Mestrado Universidade da Beira Interior, 2013.

Disponível:

<file:///C:/Users/ana%20paula%20m%C3%BCller/Downloads/Fenomenologia%20do%20espa%C3%A7o%20-%202024025.pdf>

Acessado em: 07/06/2017 às 9:45

FINDELSTEIN, Norman Gary. **A Industria do Holocausto, Reflexões sobre a exploração do sofrimento dos judeus**, 1953.

Disponível em: <http://vho.org/aaargh/fran/livres9/FINKELport.pdf>

Acessado em: 17 de maio de 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2001.

LOTMAN, J. **La semiosfera: l'asimmetria e il dialogo nelle strutture pensanti**. Venezia: Marsilio, 1985.

MARTAU, Betina Tschiedel, **A arquitetura multissensorial de Juhani Pallasmaa**. Dissertação de Mestrado Universidade Beira Interior, 2007.

Disponível em: [file:///C:/Users/ana%20paula%20m%C3%BCller/Downloads/5586-17444-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/ana%20paula%20m%C3%BCller/Downloads/5586-17444-1-SM%20(1).pdf)

Acessado em: 07/06/2017 às 11:25.

MASSAD, Fredy & YESTE, Alicia Guerrero **Daniel Libeskind: "minha obra fala de vida a partir da catástrofe"**, editora Testo & Immagine, 2004 .

Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.070/366/pt>

Acesso em: 12 de abril de 2017.

SCHNEIDER, Peter, **A cidade depois do muro**, Editora Rocco Berlim, agora, 2014.

Disponível em: <https://indicalivros.com/pdf/berlim-agora-a-cidade-depois-do-muro-peter-schneider>

Acessado em: 13 abril de 2017.

SILVA, Eduardo. *Apud* YUNIS, Natália. **Clássicos da Arquitetura: Museu Judaico de Berlim / Daniel Libeskind**, ArchDaily Brasil 2016.

Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/799056/classicos-da-arquitetura-museu-judaico-de-berlim-daniel-libeskind>

Acessado em: 12 de abril de 2017.